

O PRECÁRIO MUNDO DO TRABALHO DOS CORTADORES DE CANA E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLARIDADE

Fernanda Valeria do Nascimento Borba*

Ângela Maria dos Santos**

Edna Bertoldo***

Resumo: O objetivo deste texto é analisar o precário mundo do trabalho do cortador de cana e sua relação com a baixa escolaridade, com base em pesquisa bibliográfica fundamentada na teoria de Marx, além de pesquisa de campo realizada em uma usina de médio porte no estado de Alagoas. A indústria canavieira do Estado de Alagoas, principal fonte geradora de riqueza, tem investido cada vez mais parte de seu capital em maquinaria. Contudo, verifica-se que a inserção da tecnologia no setor canavieiro no contexto da lógica capitalista não tem resultado em melhoria para os cortadores de cana; ao contrário, constata-se a elevação da exploração do trabalho dos trabalhadores, necessária para o aumento cada vez maior dos lucros, que é o objetivo principal do capital. O resultado disso é o desemprego de uma grande quantidade de trabalhadores que não têm acesso às condições mínimas de vida como saúde, educação, segurança, habitação e trabalho, expressando a fome, a violência e o rebaixamento dos salários. Mesmo aqueles trabalhadores que conseguem permanecer no canavial restam-lhes o trabalho precarizado, sem perspectivas de melhorar suas condições de vida, educação e trabalho. O trabalhador, após uma longa e exaustiva jornada diária de trabalho, não encontra disposições físicas e mentais para frequentar uma sala de aula todos os dias e, aqueles poucos que buscam o estudo, mediante muito esforço, se deparam com uma escola tão precária quanto seu local de trabalho: os canaviais.

Palavras-chave: Trabalho. Educação. Cortador de cana.

* Estudante do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas; bolsista de Iniciação Científica com a pesquisa intitulada: O professor no contexto das classes sociais; integrante do grupo de pesquisa Trabalho, Educação e Ontologia Marxiana, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAL.

** Estudante do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas; bolsista de Iniciação Científica com a pesquisa intitulada: O professor no contexto das classes sociais; integrante do grupo de pesquisa Trabalho, Educação e Ontologia Marxiana, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAL.

*** Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Estadual Paulista - UNESP, *Campus* de Marília; professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas, Centro de Educação, e líder do grupo de pesquisa Trabalho, Educação e Ontologia Marxiana, credenciado pelo CNPq.

INTRODUÇÃO

O presente artigo representa uma pesquisa que foi desenvolvida no âmbito da produção da cana-de-açúcar no estado de Alagoas e a relação com a escolaridade dos cortadores de cana, com ênfase na realidade desse estado. Tem por objetivo analisar o precário mundo do trabalho do cortador de cana e sua relação com a escolaridade a partir da reestruturação produtiva que vem se consolidando no setor sucroalcooleiro.

Este artigo contempla alguns aspectos, dentre os quais podemos destacar: o trabalho em suas formas mais distintas: assalariado, alienado e precarizado, o modelo japonês (toyotismo) tido como o sucessor do taylorismo-fordismo e como o símbolo da modernidade na produção industrial; o discurso da gestão empresarial da usina que apresenta conteúdos aparentemente opostos ao discurso do modelo taylorista-fordista, aproximando-se do modelo japonês; a dificuldade da inserção de trabalhadores com pouca ou nenhuma escolaridade no mercado de trabalho; a imposição do ritmo de trabalho pelo capitalista; a maquinaria e a produção mecanizada como instrumentos característicos da indústria moderna e a negação da educação para essa população. Essa análise possibilitará uma compreensão mais ampla do precário mundo do trabalho do cortador de cana e sua baixa escolaridade.

1 DISTINTAS FORMAS DE TRABALHO

A partir de 1970 teve início o processo de reestruturação produtiva em escala global e foi nesse contexto que o capital remodelou o trabalho nas mais distintas formas: trabalho precarizado, instável, temporário, terceirizado e a elevação da taxa de desemprego.

E é a partir de 1980 que aumentou significativamente o número de trabalhadores temporários, sem vínculo empregatício e sem registro formalizado, como no caso dos cortadores de cana, que em sua maioria, fica desempregado na entressafra e sem nenhuma perspectiva de trabalho, pois seu nível de escolaridade é baixo ou nulo, não podendo dessa maneira ser inserido em outra ocupação dentro da usina ou mesmo fora dela. Nesse período ficam desempregados e fazem “bicos” limpando mato, como servente de pedreiro, feirante, ou ficam desempregados aguardando o período incerto da safra, sem saber se serão contratados pela usina

novamente. Em geral, alguns fatores são determinantes para a renovação da contratação do trabalhador: se não faltava ao trabalho, se cortava uma grande quantidade de cana e se cortava de acordo com as normas da usina (rentes ao solo, mas não pode atingir a raiz para não prejudicar a rebrota), se não adoecia ou reclamava do serviço com frequência, se tem bom relacionamento com as chefias e com os colegas de trabalho, entre outros.

Nos tempos das modernas tecnologias do mundo informatizado e digital configura-se um cenário marcado pelo trabalho informal, terceirizado, precarizado, subcontratado e flexibilizado.

O trabalho precarizado não tem sua origem nas sociedades modernas, pois este existe desde que capital e trabalho passaram a se configurar como uma relação antagônica, com a exploração e a alienação do homem pelo homem e com a existência da propriedade privada:

[...] embora em todas as sociedades existentes marcadas por tais contradições tenha se dado a manifestação de processos precarizados de trabalho, só recentemente a expressão precarização do trabalho se tornou usual, mediante o surgimento de pesquisas voltadas para a investigação desse fenômeno na complexidade do mundo do trabalho. (BERTOLDO, 2010, p.253).

O trabalho é vital para a sobrevivência, pois sem ele a vida cotidiana não se reproduziria; o trabalho, pois, é a única categoria capaz de fazer a mediação entre homem e natureza. Pela sua própria natureza, o trabalho tem um caráter emancipador, contrastando com a forma que assume na sociedade produtora de mercadorias que aliena o ser social.

A sociedade capitalista transformou o trabalho que é o fundante da vida humana em trabalho assalariado, alienado e precarizado. De acordo com Marx sob o capitalismo (2004) o trabalhador não se satisfaz no trabalho, mas se degrada no trabalho, não se reconhecendo e se desumanizando no trabalho.

O trabalho, conforme esclarece Antunes (2010), cria uma via de mão dupla: ao mesmo tempo cria e subordina, emancipa e aliena, humaniza e degrada, oferece autonomia e gera sujeição, liberta e escraviza.

2 O MODELO JAPONÊS COMO O SUCESSOR DO TAYLORISMO-FORDISMO

Desde o início da reestruturação produtiva vem ocorrendo uma redução do proletariado (industrial, fabril, tradicional, manual, estável e especializado), característico da indústria taylorista-fordista. Esse tipo de trabalho vem sendo substituído por formas de trabalhos desregulamentadas (terceirizados, subcontratados, temporários e informais), típicos da era toyotista.

A flexibilização pode ser entendida como “liberdade” da empresa para desempregar trabalhadores, sem penalidade, quando a produção e as vendas diminuem; para reduzir o horário de trabalho ou de recorrer a mais horas de trabalho; possibilidade de pagar salários mais baixos do que o trabalho exige; possibilidade de subdividir a jornada de trabalho segundo as conveniências da empresa, mudando os horários e as características do trabalho, dentre tantas outras formas de precarização da força de trabalho. A flexibilização tornou-se então, a principal característica da atual reestruturação produtiva.

O modelo japonês denominado “flexível” recebe grande destaque na atualidade. O toyotismo foi assim denominado por ter surgido nas fábricas da Toyota no Japão no período pós guerra e é apontado como o sucessor do taylorismo-fordismo, e tido como o símbolo da modernidade na produção industrial.

Ao contrário do fordismo, a produção sob o toyotismo é voltada e conduzida diretamente pela demanda. A produção é variada, diversificada e pronta para suprir o consumo. É este quem determina o que será produzido, e não o contrário, como se precede na produção em série e de massa do fordismo. (ANTUNES, 1999, p. 26).

E mais uma vez quem sofre as consequências nas mudanças da produção é o proletariado, principalmente os de origem fordista (trabalhadores especializados) que estão sendo recusados e substituídos pelos trabalhadores da era toyotista (trabalhadores polivalentes e multifuncionais), tendo que se ajustar ao novo e ainda precário mundo do trabalho para não se vê excluído dele.

3 O DISCURSO DA GESTÃO EMPRESARIAL

No contexto desse novo modelo os temas que predominam no discurso da gestão empresarial são: a competência, a participação, o trabalho em equipe e a

autonomia. Estes temas ganham destaques por apresentarem conteúdos aparentemente opostos ao discurso do modelo taylorista-fordista, aproximando-se do modelo japonês.

O gestor da usina, ao ser interrogado sobre o trabalho e a escolaridade dos cortadores de cana, relatou que embora a empresa invista em cursos para a formação do trabalhador, este não demonstra interesse em melhorar sua condição de escolaridade ou profissional. Percebe-se que o gestor transfere para o trabalhador a responsabilidade por sua baixa ou nenhuma escolaridade e por sua não qualificação ou competência. Trata-se de um discurso de humanização que é compatível com a organização flexível, apesar de os trabalhadores continuarem desvalorizados enquanto seres humanos e explorados enquanto força de trabalho, configurando uma desumanização crescente do trabalho. A linguagem empresarial é idealizadora e romântica, na qual o conflito capital e trabalho parece não existir.

Essa tentativa de dissimular a dominação presente nas relações de trabalho – por meio de um discurso que é, simultaneamente, romantizado e individuante – é enfatizada de tal maneira que chega ao ponto de descaracterizar a empresa como um local que visa objetivos econômicos. (BERNARDO, 2009, p.131).

Os trabalhadores por nós entrevistados não frequentam a escola, pois depois de um longo e exaustivo dia de trabalho não encontram disposições físicas e/ou mentais para irem à escola todos os dias. Como não acreditam que a educação nessa altura das suas vidas em nada mudaria sua condição de vida, acabam incentivando seus filhos para estudarem, com a perspectiva de que no futuro possam se inserir em outro tipo de trabalho. O trabalhador só encontra forças para trabalhar, dormir e trabalhar. Segundo Bernardo (2009, p.150), “O excesso de responsabilidades e a intensificação do ritmo de produção associados a um discurso que visa dissimular essa realidade torna o trabalho nessas empresas bastante prejudicial para a saúde física e mental daqueles que o executam”.

4 DIFICULDADE DA INSERÇÃO DOS TRABALHADORES NO MERCADO DE TRABALHO

Esse modelo produtivo dificulta a entrada de trabalhadores com pouca ou nenhuma escolaridade no mercado de trabalho.

Segundo o Banco Mundial “O sustento dos trabalhadores na agricultura, na indústria e nos serviços depende cada vez mais da aquisição de aptidões básicas como a alfabetização e as quatro operações” (Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial, 1995, p.42). A pesquisa revelou que os cortadores de cana não possuem estas aquisições básicas, mesmo quando se trata daqueles que já frequentaram a escola e possuem o ensino fundamental completo e/ou incompleto; eles encontram dificuldades para escreverem o próprio nome; muitos mostram resistência para responder aos questionários, acreditando que terão que ler e escrever. Só depois de esclarecer que será uma entrevista verbal, eles passam a concordar com a entrevista.

Se por um lado o discurso ideológico segundo o qual as constantes transformações do mundo produtivo exigem trabalhadores com mais conhecimentos e capacitações e que atendam aos novos requisitos e demandas dos processos de trabalho, por outro, as perdas na qualidade do trabalho, os baixos salários, a precarização do cargo ocupado ou do setor a que pertencem, levantam questões sobre as alternativas de trabalho, principalmente quando se trata dos trabalhadores menos escolarizados, como por exemplo, o cortador de da cana. Não resta a estes trabalhadores de pouca escolaridade e qualificação alternativas que não seja adaptar-se aos precários trabalhos existentes.

O analfabetismo e a simples competência de leitura e escrita do trabalhador jovem e adulto não lhe permite superar os condicionamentos que lhes privam das capacidades básicas exigidas pela reestruturação produtiva/tecnológica, nem mesmo em ocupações que exijam mínimas destrezas e ofereçam mínimos salários. (PRESTES, 2005, p.08).

Todos os setores da usina por nós visitada (caldeiras, preparação da cana, destilaria, entre outros) são modernos e computadorizados, o que exige uma maior escolaridade e conhecimento de informática por parte dos trabalhadores.

A ausência de escolaridade e sua influência na ausência do trabalho significa negar ao ser humano o direito dele se relacionar com o mundo e com a natureza, dando utilidade e sentido ao seu próprio processo de existência. Se educação propicia ao ser humano capacidade para entender e transformar o mundo onde está inserido, de forma intencional; se a educação propicia condições ao ser humano de pensar e viver o trabalho; esse, por sua vez, oferece condições ao ser para pensar e viver e viver a vida nas suas formas mais concretas, para pensar e, inclusive modificar os processos educativos, em benefício da sua condição e qualidade de vida. (Idem, p.14).

5 A IMPOSIÇÃO DO RITMO DE TRABALHO

Com relação aos salários dos trabalhadores cortadores de cana, o que determina quanto cada um receberá é a quantidade (em toneladas) de cana cortada diariamente: quanto maior a produção, maior o salário. Esse tipo de pagamento tem por objetivo a produtividade crescente, fazendo com que os trabalhadores aumentem o esforço dispendido no trabalho, o que pode provocar sérios problemas de saúde (dores no corpo, câimbras, falta de ar, desmaios etc.) para o trabalhador ou até mesmo a morte dentro e fora dos canaviais.

O desgaste de energia é enorme: andando, golpeando, agachando-se, carregando peso e vestimentas compostas de botina, perneiras de couro até o joelho, calças, camisa comprida, luvas, lenço no rosto e pescoço e chapéu e boné sob sol forte, faz com que os trabalhadores suem bastante e percam muita água e sais minerais, o que leva à desidratação. Diante de tudo isso é comum os trabalhadores apresentarem problemas de saúde adquiridos no trabalho, ocasionados pelo ritmo de produção absurdo a que são submetidos.

A quantidade de cana cortada é pesada em balanças grandes, que estão localizadas distante do campo, não sendo possível ao cortador o controle de sua produção. Segundo Alves:

O pagamento por produção é uma forma muito antiga e já criticada tanto por Adam Smith, no final do século XVIII, (Smith, 1979), quanto por Karl Marx, no século XIX (Marx, 1975), que a consideravam uma das mais desumanas e perversas formas de pagamento. O trabalhador, quando recebe por produção, tem o seu pagamento atrelado ao que ele conseguiu produzir no dia. Como eles trabalham pela subsistência, trabalham cada vez mais para melhorar suas condições de vida, isso provoca o aumento do ritmo de trabalho. O pagamento por produção transfere ao trabalhador a responsabilidade pelo ritmo do trabalho, que é atribuição do capitalista. (2010, p. 93).

Quanto mais toneladas de cana o trabalhador conseguir cortar, maior a sua remuneração e maior a sua chance de ser novamente contratado na próxima safra pela usina. Como tudo depende do desempenho no trabalho, os trabalhadores precisam se ajustar aos padrões da empresa para “garantir” seu lugar no trabalho.

A imposição do ritmo de trabalho pelo capitalista tem o objetivo de diminuir custos e aumentar a produção e os lucros e para atingir tais objetivos, cada vez mais a indústria canvieira investe em maquinarias. O modelo de produção adotado pela usina não foi questionado pelos trabalhadores entrevistados; a maioria acredita que a introdução das máquinas no processo produtivo facilita seu trabalho diário nos canaviais, já que estas conseguem cortar grande quantidade de cana em menos tempo.

6 A MAQUINÁRIA E A PRODUÇÃO MECANIZADA

A máquina e a maquinaria são os instrumentos característicos da indústria moderna e como capital constante, não criam valor, apenas transferem seu próprio valor ao produto e possuem mais valor do que os instrumentos de trabalho artesanais e manufatureiros. São construídas com materiais mais resistentes e maior durabilidade e são reguladas pela ciência e por sua produtividade.

O custo de trabalho da máquina e o valor que ela transfere ao produto é menor que o valor que o trabalhador soma ao produto de seu trabalho, existindo assim uma diferença de trabalho economizado em favor da maquinaria. “A produtividade da máquina mede-se, por isso, pela proporção em que ela substitui a força de trabalho do homem” (MARX, 2008, p. 447). O valor da máquina é sempre menor que o valor da força de trabalho que substitui.

Com o aumento da produtividade os produtos são vendidos com maior lucro em virtude de maior quantidade de trabalho não pago, pois o lucro surge não da diminuição do trabalho empregado, mas da diminuição do trabalho pago. Se porventura o valor da maquinaria for superior aos gastos com os salários dos trabalhadores os produtos de sua produção encareceriam, não sendo assim um investimento lucrativo para o capitalista.

Na produção mecanizada não é mais o processo do trabalho ajustado ao trabalhador (como na manufatura) e sim o trabalhador que deve se adaptar ao novo processo de trabalho; o trabalhador tem que se adaptar desde cedo ao movimento das máquinas já que agora é ela que determina o movimento da fábrica e o ritmo de trabalho do trabalhador. “Na manufatura e no artesanato, o trabalhador se serve da ferramenta; na fábrica, serve à máquina” (MARX, 2008, p. 482). Na fábrica o trabalhador confisca, por seu excesso, toda a sua condição de vida física e

espiritual, não é mais o trabalhador que emprega o instrumental de trabalho e sim este que emprega o trabalhador “[...] trabalho morto que domina a força de trabalho viva, a suga e exaure” (Ibdem, p. 483).

A maquinaria transformou a classe trabalhadora em população supérflua, produzindo miséria acentuada para os trabalhadores, trazendo efeitos permanentes para essa camada. A maquinaria diminui o número de trabalhadores e aumenta a produção das mercadorias, aumentando consideravelmente o lucro do capitalista:

O uso de novas máquinas incorporadas ao processo de produção faz com que se produza mais com menos custo e menos força de trabalho. Com isso se dá o barateamento dos produtos. O resultado disso é o aumento do capital constante, a diminuição do capital variável, causando o crescimento da capacidade produtiva, mas, ao mesmo tempo, ocorre o aumento do desemprego, o rebaixamento dos salários e da capacidade de consumo. (BERTOLDO, 2010, p. 252).

Com o uso da maquinaria no setor sucroalcooleiro o trabalho que era realizado por vários homens (80 a 100 trabalhadores), agora é substituído por uma máquina que executa operações com apenas um trabalhador. Trabalhador esse que não vem do corte da cana, já que para operar a máquina faz-se necessário a carteira de motorista que, por conseguinte, exige certo grau de escolaridade e noções básicas de informática, não se enquadrando dessa maneira o cortador de cana, quem em sua maioria não possui nem o ensino fundamental completo.

7 A NEGAÇÃO DA EDUCAÇÃO PARA O TRABALHADOR CORTADOR DE CANA

Se as condições de trabalho dos trabalhadores do corte de cana são muito precárias, o mesmo ocorre em relação à sua escolaridade.

Segundo Bertoldo (2008, p. 11), “A miséria da educação é consequência do capitalismo de nossos dias, desse sistema que se sustenta da exploração da classe trabalhadora que, apesar de produzir a riqueza do país, dela não se apropria”.

A pesquisa de Silva e Silva (2009) realizada com os cortadores de cana numa usina situada na mesorregião leste de Alagoas, no período da safra 2008/2009, apontou que dos sessenta e seis trabalhadores entrevistados, 19 são analfabetos; 46 possuem o ensino fundamental incompleto; apenas 01 possui o ensino médio incompleto e nenhum deles possui o ensino médio completo.

É verdade que o nível de escolaridade não é considerado um requisito relevante para o ingresso de trabalhadores no trabalho do corte da cana. Contudo, em função da elevada taxa de desemprego, a existência de um exército de reserva, como diz Marx, acaba contribuindo para que se reduza a chance de inserção dos trabalhadores com baixo nível de escolaridade tanto no próprio local de trabalho como fora dele. “Com o aumento da participação das máquinas e com a estabilização da produção de cana-de-açúcar da empresa, uma parte dos cortadores de cana da empresa, provavelmente, não será contratada para as próximas safras” (CANO; VERGÍNIO, 2008, p. 13-14).

No caso do setor sucroalcooleiro a reestruturação produtiva e as novas tecnologias são uma das características predominantes, e por sua vez preserva e/ou até introduz características que não têm relação com os novos conceitos da reestruturação produtiva, principalmente quanto às formas de trabalho do cortador de cana; a este é negado uma das necessidades sociais básicas do ser humano: a educação escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo com o início do processo de reestruturação produtiva em escala global a partir dos anos 1970, o capital não conseguiu eliminar completamente o trabalho vivo, apesar de reduzi-lo em algumas áreas, como é o caso do setor sucroalcooleiro em que os cortadores de cana estão sendo substituídos gradativamente por máquinas colheitadeiras. Como as máquinas ainda não conseguem operar nos terrenos mais acidentados por limitações técnicas, resta aos trabalhadores do corte esta alternativa. O corte nesses terrenos exige maior dispêndio de força física por parte do trabalhador, causando-lhes sérios problemas de saúde.

Com a intenção de elevação da produtividade o capital reduz o número de trabalhadores, intensifica a jornada de trabalho e rebaixa os salários, porém não consegue a eliminação total do trabalho vivo. “Nenhum sistema produtivo, até o momento, conseguiu a eliminação do trabalho enquanto atividade fundamental, central, que determina a vida humana” (BERTOLDO, 1999, p.78).

Embora seja sua pretensão, o modelo japonês ainda não conseguiu substituir e superar o modelo taylorita-fordista; as empresas que dizem adotarem o modelo

japonês ainda têm suas raízes no modelo tradicional - o taylorismo-fordismo-, evidenciando-se na atualidade um discurso de trabalho humanizado que acompanha a organização flexível. “Afirma-se que a flexibilização do trabalho estaria superando a rigidez do taylorismo-fordismo, possibilitando que o trabalhador deixe de ser apenas uma ‘peça da engrenagem’ da maquinaria” (BERNARDO, 2009, p. 181). Contrariamente os trabalhadores continuam sendo desvalorizados enquanto seres humanos e explorados enquanto força de trabalho. Muda-se o discurso, mas o antagonismo característico das relações entre capital e trabalho permanece inalterável.

A educação nas sociedades primitivas era uma atividade que atendia a toda comunidade, não sendo privilégio de alguns grupos sociais. Diferentemente, na sociedade capitalista, a divisão social do trabalho, as classes sociais, a exploração e a alienação do homem pelo homem, provocam profundas transformações e mudanças em diversos aspectos da vida social, como por exemplo, a educação. A privatização e mercantilização da escola passou a atender os interesses das classes dominantes, configurando dessa forma uma educação dualista: uma educação voltada para a classe explorada e dominada, que vai executar o trabalho manual e outra para a classe exploradora e dominante, que vai executar o trabalho intelectual, sendo perceptível a super valorização da segunda sobre a primeira.

A sociedade burguesa proclamou uma igualdade de acesso à educação para todos, porém não conseguiu proporcionar uma igualdade de acesso universal para todos. “Uma vez que a educação é subordinada aos imperativos da reprodução do capital, e uma vez que ele é a matriz da desigualdade social, seria totalmente absurdo esperar que ela pudesse proporcionar a todos uma igualdade de acesso a ela” (TONET, 2010, p. 67).

Em uma sociedade em que há desigualdade social, divisão do trabalho e exploração e dominação do homem pelo homem, “[...] é impossível uma educação voltada para a formação integral do ser humano” (Idem, p. 69). O Estado que está a serviço do capital se mostra historicamente incapaz de garantir e oferecer uma educação pública e universal de qualidade; por não ser o elemento fundante, o Estado não pode resolver as contradições e os problemas da sociedade civil no âmbito educacional, bem como em nenhuma outra esfera.

Negar ao ser humano a escolarização e a sua influência no mundo do trabalho, é excluir o seu direito de relação social com o mundo e com a natureza,

pois trabalho e educação são formas relacionadas e indissociadas de propiciarem melhores condições de qualidade de vida para os trabalhadores.

Abstract: The purpose of this paper is to analyze the precarious world of work of the cane cutters and their relationship with low education, based on bibliographical research based on Marx's theory, and field research conducted in a medium-sized plant in the state Alagoas. The sugar industry of the State of Alagoas, the main source of wealth have increasingly invested part of their capital in machinery. However, it appears that the inclusion of technology in the sugarcane industry in the context of capitalist logic has not resulted in improvement for cane cutters, but rather it appears to increase the exploitation of labor of workers needed for the ever increasing higher profits, which is the main objective of the capital. The result is unemployment of a large number of workers who do not have access to minimum conditions of life such as health, education, security, housing and work, expressing hunger, violence and lowering wages. Even those workers who can stay on the plantation left them unstable jobs with no prospects of improving their living conditions, education and work. The worker, after a long and exhausting working day of working, has no mental and physical arrangements to attend a classroom all day, and those few who seek to study, through much effort, they encounter a school as precarious as his workplace: the cane fields.

Keywords: Labor. Education. Cane cutter.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco. **Por que morrem os cortadores de cana?** Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=21279>> Acesso em: 19 de fev. de 2010.

ANTUNES, Ricardo. Século XXI : nova era da precarização estrutural do trabalho. In: TEIXEIRA JÚNIOR, Aguinaldo (Org). **Marx está vivo**. Maceió, 2010, p. 85-98.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

BANCO MUNDIAL. **O trabalhador e o processo de integração mundial**. Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial. Washington. D. C., 1995.

BERNARDO, Márcia Hespanhol. **Trabalho duro, discurso flexível**: uma análise das contradições do toyotismo a partir da vivência de trabalhadores. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

BERTOLDO, Edna. A miséria da educação. **Jornal Voz das Comunidades**, Brasil, nov. 2008, p. 11.

BERTOLDO, Edna. A precarização do trabalho na universidade e a crise do capital. In: TEIXEIRA JÚNIOR, Aguinaldo (Org). **Marx está vivo**. Maceió, 2010, p. 246-265.

BERTOLDO, Edna. Fim de século e fim de milênio: fim do trabalho? **Novos Rumos**, n. 30, 1999, p. 73-85,

CANO, Antônio; VERGÍNIO, Cleber j. Impactos da mecanização da colheita da cana no período de 2001 a 2006: estudo de caso de uma unidade produtora em Fernandópolis, SP. In: VI SEMINÁRIO DO TRABALHO: Trabalho, Economia e Educação no Século XXI. **Anais.** Disponível em: <<http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/antoniocanocleberverginio.pdf>> Acesso em: 19 de nov. de 2009.

MARX, Karl. A maquinaria e a indústria moderna. In: _____. **O capital.** Livro 1, vol. 1, 26 ed. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 425-572.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2004.

PRESTES, Emília Maria da. **Os novos desafios da educação de jovens e adultos:** A educação e trabalho dos cortadores de cana no contexto da reestruturação produtiva. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/qt18/qt18361int.doc>>. Acesso em: 10/11/2009.

SILVA, Jane Marinho da; SILVA, Maria Fernanda da. **A modernização do setor sucroalcooleiro e a escolaridade de trabalhadores rurais cortadores de cana:** algumas considerações. 2009. 67 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1999.

TONET, Ivo. Marxismo e educação. In: TEIXEIRA JÚNIOR, Aguinaldo (Org). **Marx está vivo.** Maceió, 2010, p. 53-71.

*Recebido em abril de 2012.

*Aprovado em junho de 2012.